

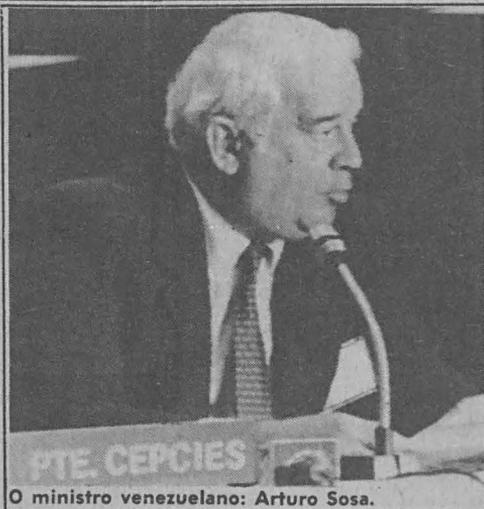
O Brasil diz a outros devedores que prefere renegociar sozinho

Já no primeiro dia da conferência dos países endividados da América Latina, iniciada ontem em Caracas, o Brasil deixou clara sua posição: é contra a criação de um "cartel de devedores latino-americanos" e vai prosseguir com seus esforços para renegociar sua dívida externa — considerada como a maior do mundo. A declaração foi feita, ontem, pelo chefe da delegação brasileira, Pedro Paulo Assunção.

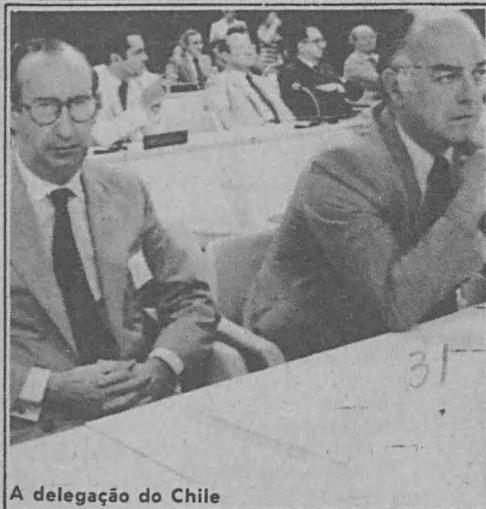
A decisão do governo brasileiro de enviar um técnico de terceiro escalão como seu representante no encontro promovido pela Organização dos Estados Americanos não causou surpresa. Dos 31 membros da OEA, espera-se que apenas oito enviem ministros à conferência, enquanto os outros se farão representar por autoridades de menor hierarquia.

De qualquer forma, a OEA pretende colocar em discussão temas importantes como a instituição de um período de carência de 10 anos para o pagamento do principal e a redução das taxas de juros incidentes sobre as dívidas dos países latino-americanos.

A conferência terá uma semana de du-



O ministro venezuelano: Arturo Sosa.



A delegação do Chile

ração, sendo que os primeiros três dias serão dedicados à discussões técnicas. Na quinta e sexta-feira desta semana, as propostas dos técnicos serão submetidas ao plenário.

O encontro está sendo acompanhado com interesse por observadores privados e dos governos dos EUA, Japão e países europeus, preocupados com a possibilidade de que se crie um "clube dos devedores", ao qual as nações credoras se opõem firmemente. Os banqueiros também analisarão a retórica empregada na reunião, pois ela pode afetar o clima das futuras negociações sobre a dívida externa da América Latina, que deve ao Ocidente e ao Japão cerca de

350 bilhões de dólares, o que representa aproximadamente a metade da dívida de todo o Terceiro Mundo.

A retórica brasileira certamente não será um motivo de preocupação para os banqueiros internacionais. Segundo o chefe da delegação do Brasil, por exemplo, "é normal que os países latino-americanos, nações em via de desenvolvimento, tenham atualmente altas dívidas externas, por problemas derivados da crise econô-

mica mundial e das altas taxas de juros existentes, sobretudo nos EUA".

— As negociações sobre o refinanciamento das dívidas externas de nossos países devem prosseguir a nível individual, entre cada país, de um lado, e as instituições credoras de outro — assinalou Pedro Paulo Assunção.

Uma outra proposta a ser discutida em Caracas é a reforma do sistema de pagamento, em que "os bancos não receberiam mais as grandes comissões e prêmios de risco que impõem atualmente às operações de financiamento". Em troca, seriam criados mecanismos para assegurar o pagamento do principal.